

Um grande cientista

por Mário Soares

A notícia da morte do Prof. Corino de Andrade deve ter passado despercebida à maioria dos portugueses, tanto mais quanto ocorreu num momento de, pelo menos, três outros falecimentos de portugueses com grande relevo mediático, embora por razões diferentes.

Mário Corino de Andrade, um reputado neuro-cientista, antigo professor da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, criador, com o Prof. Nuno Grande, do Instituto Biomédico Abel Salazar, investigador de renome internacional, morreu, na cidade do Porto, em 16 de Junho último, com noventa e nove anos de idade feitos em 10 de Junho último e conservando até ao fim toda a sua lucidez.

Natural de Moura, alentejano de gema, filho de um médico veterinário, licenciou-se em Medicina na Universidade de Lisboa, tendo sido assistente do professor e depois director da mesma Faculdade, António Flores. Para completar os seus estudos, foi para a Faculdade de Medicina da Universidade de Estrasburgo, em França, desenvolver os estudos e a investigação em neurologia, com o célebre Prof. Barré.

Em 1938 regressou a Portugal, no auge do salazarismo. Teve dificuldades para reentrar na Universidade de Lisboa e fixou-se no Porto, onde fez, na Faculdade de Medicina, toda a sua carreira académica, tendo, ao mesmo tempo, criado o serviço de neurologia no Hospital de Santo António, numa “cave cheia de nada” – como conta a sua biógrafa, Maria Augusta Silva, no livro intitulado “Corino de Andrade: a excelência de uma vida” – onde realizaria a investigação que lhe permitiria descobrir uma doença até então desconhecida, a paramiloidose, popularmente chamada “doença dos pezinhos” e, no léxico científico, “doença de Andrade”, partindo da observação e tratamento empírico da doença para a sua investigação científica.

Essa descoberta – que antes não tivera qualquer precedente em Portugal – tornou-o universalmente conhecido e respeitado entre a Comunidade Científica Internacional. Tendo, depois, feito uma outra investigação extremamente aprofundada de outra doença neurológica chamada de “Machado Joseph”, a par de ter formado uma escola de neurologistas e discípulos tanto na Universidade do Porto como, depois do 25 de Abril, no Instituto Biomédico Abel Salazar.

Além de grande cientista e médico, Corino de Andrade era um intelectual de uma vasta cultura, extremamente diversificada, e um intemerato resistente à ditadura. Conheci-o em casa do Prof. Bento de Jesus Caraça, de quem era amigo próximo, e tive com ele um convívio muito intenso nos anos 1946 a 1949, na Comissão Central do Movimento de Unidade Democrática e, depois, na Candidatura à Presidência do General Norton de Matos.

Corino de Andrade, opositor de sempre, empenhou-se muito no MUD, movimento para-legal que se formou logo a seguir à vitória dos aliados para concorrer às eleições, prometidas por

Salazar e que deveriam ser, como o ditador declarou então: “tão livres como na livre Inglaterra”. Mas não foram. Os subscritores das listas de apoio ao MUD foram objecto de uma devassa que demorou vários anos, que serviu não só para atemorizar os subscritores como para demitir os que eram funcionários públicos e os discriminar, sistematicamente, não só em termos políticos como económicos.

A II Comissão Central do MUD que era presidida pelo Prof. Azevedo Gomes, grande silvicultor que, por isso mesmo, meses depois – conjuntamente com Bento Caraça – foi expulso da cátedra, contava com representantes dos partidos políticos de então: o antigo Ministro Hélder Ribeiro (pelo velho Partido Republicano); Mayer Garção e Lelo Vilela (pela União Socialista); e Luciano Serrão de Moura (pelo Partido Comunista), além de personalidades independentes como: Bento de Jesus Caraça, Manuel Mendes e Manuel Tito de Morais; e de representantes das Mulheres Democratas (Maria Isabel Aboim Inglês) e, por mim próprio, em representação do MUD Juvenil.

O objectivo era, no refluxo da contestação à ditadura, que começara no imediato post-guerra, em fins de 1946, tentar, com uma acção política quotidiana, de manifestos subscritos e outras manifestações, “forçar a legalidade”, que Salazar não queria reconhecer mas não ousava ainda reprimir abertamente.

Corino de Andrade vinha todas as semanas do Porto para assistir à nossas reuniões, na qualidade de conselheiro científico. Como amigo intimo do Prof. Ruy Luís Gomes, que era o presidente da Comissão Distrital do Porto do MUD, fazia também a ligação regular entre o norte e o sul.

Como as reuniões eram geralmente ao fim da tarde, íamos depois jantar – ou cear – com o Manuel Mendes, o Corino, o Tito de Morais, o Mayer Garção e outros amigos que nos assessoravam em comissões especializadas: economia e finanças; ciência; cultura; educação; assuntos jurídicos, etc. E daí o privilégio que tive em conhecer, com alguma intimidade, o Prof. Corino de Andrade, um homem discreto, afável, que nos ouvia com toda a atenção, como se estivéssemos ao seu nível (mesmo eu, que era um rapazote, ainda estudante, quase imberbe mas com algum sangue na guelra).

Corino fez parte de uma grande plêiade de grandes cientistas e profissionais distintíssimos como: Abel Salazar, Barbosa de Magalhães, Manuel Valadares, Aniceto Monteiro, Hugo Baptista Ribeiro, Aurélio Quintanilha, Ruy Luís Gomes, Mário Silva, Pulido Valente, Fernando Fonseca, Sílvio Lima, Celestino da Costa, Zaluar Nunes, e tantos outros que, por mero delito de opinião – por serem críticos da Ditadura – foram corridos dos seus lugares, discriminados e expulsos das suas cátedras, por Salazar. Uma ceifa total na inteligência portuguesa, de que ainda hoje – passados tantos anos - Portugal se ressentente.

De grande longevidade, Corino de Andrade teve ainda a alegria de assistir ao 25 de Abril e de viver, com os seus altos e baixos, os últimos trinta anos de democracia. Rodeado de amigos queridos e de discípulos. Durante estes anos, praticamente, quase não o vi. As vidas e os afazeres afastaram-nos. Mas em muitas ocasiões o lembrei, com o respeito e a mesma veneração de sempre.

Teve uma vida realizada, com o respeito e o reconhecimento da comunidade científica portuguesa e internacional. Se na fase mais criativa da sua vida, tivesse tido outros meios, um verdadeiro centro de investigação onde trabalhar e um ambiente de liberdade teria ido, seguramente, mais longe. Morreu com essa mágoa.

Não pude acompanhá-lo no funeral. Fiquei triste por isso. Fiz-me representar pela professora Maria de Sousa - que me deu essa honra - grande cientista e amiga, que viveu e trabalhou muitos anos no estrangeiro - no Reino Unido e na América - para onde se expatriou, voluntariamente, por falta absoluta de meios em Portugal onde pudesse prosseguir as suas tão importantes investigações. Não podia ter sido melhor representado. Maria de Sousa, regressou a seguir ao 25 de Abril a Portugal e exerce, desde então, a sua actividade científica no Instituto Biomédico Abel Salazar, criado por Corino de Andrade e Nuno Grande, quando vivíamos todos já em democracia.

Lisboa, 28 de Junho de 2005